

INTRODUÇÃO

POR WILLIAM EDGAR

Defender a fé... para alguns essa ideia é repugnante. Ela soa para eles como uma defensiva, na melhor das hipóteses, ou coerção, na pior delas. Não deveríamos deixar que Deus se defendesse sem a nossa ajuda? Não parece uma ideia tão absurda como a de defender um tigre enjaulado? Por que não soltá-lo, simplesmente? Em um nível mais sério, para alguns, há razões teológicas que tornam a apologética supérflua ou mesmo contraproducente. Karl Barth (1886-1968) acreditava que a apologética se interpõe à Palavra de Deus descida do céu. Segundo ele, a revelação cria sua própria capacidade de ser recebida e não depende de investigação antropológica. Além do mais, a apologética tende a reduzir a fé cristã à religião e não leva a descrença muito a sério.¹ De modo similar, embora partindo de um ponto teologicamente diferente, Abraham Kuyper (1837-1920) afirmava que a apologética sempre falharia em atingir um bom propósito. Seu raciocínio era de que há um tal abismo entre crentes e descrentes que argumentações e polêmicas são inúteis para construir uma ponte entre eles.²

Há uma plausibilidade superficial nesses pontos de vista. Muito provavelmente certas apologéticas são contraproducentes. Uma boa parte da apologética popular de hoje é sem dúvida incômoda, atravancando a paisagem com evidências, provas e argumentos técnicos e, em geral, mantendo o tigre em sua jaula. No nível mais acadêmico, a apologética tende a desenvolver-se como uma preliminar para a teologia ou como um prolegômeno para o recebimento da revelação, em lugar de fluir a partir dela. Particularmente no século 19, depois de Immanuel Kant colocar uma barreira pela qual os argumentos

1 Karl Barth, *Church Dogmatics* 1.1, org. G. W. Bromiley e T. F. Torrance (Edimburgo, T. & T. Clark, 1960), 26-47.

2 Abraham Kuyper, *Principles of Sacred Theology*, trad. J. Hendrik De Vries (Grand Rapids: Eerdmans, 1968) 160.

racionais para a existência de Deus eram considerados impossíveis, os apolo-
gistas se lançaram à tarefa de encontrar maneiras de atingir o conhecimento
de Deus, que não dependessem da revelação por meio da razão.

Dentre eles destacava-se Friedrich Schleiermacher (1768-1834), argu-
mentando que, embora Kant estivesse certo, não temos de nos fiar na razão,
podemos conhecer a Deus por um *sentimento de dependência*. Ao longo da-
quelas décadas, a teologia se confundiu cada vez mais com a antropologia e a
ética. Jesus Cristo era frequentemente reconstruído de acordo com a imagem
de uma busca por demais humana da verdade. Ele era o grande professor de
ética, o ser humano ideal, o profeta do reino de Deus, etc.

Quando Karl Barth respondeu com seu Deus absolutamente soberano,
que chega até nós por Jesus Cristo em uma experiência de crise, tornou-se
natural para ele questionar a propriedade da apologética. Ele estava, sem
dúvida, reagindo ao tipo de teologia centrada no homem proposta por Sch-
leiermacher e seus seguidores. Mas o encontro com Cristo a partir de uma
crise, como proposto por Barth, acaso fornecia uma base mais sólida para o
conhecimento de Deus do que a teologia antropológica dos seus antecessores?
Ele estava, de fato, perdendo a parte mais importante da questão. Pois quem
pode saber ao certo se Cristo foi ou não encontrado?

Mas e quanto a Abraham Kuyper, que defende uma tradição muito mais
ortodoxa do que a de Barth? Por que a visão de que a crena e a descrença estão
em dois campos diferentes torna inútil toda apologética? A simples antítese
entre crença e descrença é suficiente para pôr em dúvida toda a empresa de
defesa da fé? Naturalmente, Kuyper está atento a algo importante. É verdade
que um abismo separa os dois tipos de visão de mundo, tornando impossí-
vel estabelecer um terreno neutro comum. Mas não existe outra base para
entendimento, que não exija que o apoloquista recue de sua própria posição
para se comunicar com seu amigo incrédulo? É nesse ponto que Cornelius
Van Til, cujo volume apresentamos mais uma vez ao público, mostra uma
terceira via, que permite o diálogo apologético sem abrir mão de qualquer
antítese entre duas visões de mundo opostas.

Cornelius Van Til (1895-1987) foi sem dúvida um dos apoloastas mais
originais do século 20. No tocante à disciplina, ele foi um reformador, passando
boa parte de seu tempo em desafiar as escolas existentes e articular a abordagem
apologética que se tornou conhecida como pressuposicionalismo. Apesar de
suas raízes distantes estarem no axioma anselmiano, o “entendimento pela
busca da fé”, no contexto mais contemporâneo, está na teologia holandesa
e presbiteriana de seu horizonte imediato. Seus ossos foram preenchidos
com a medula da visão reformada do mundo e da vida. Ele cresceu com ela e
jamais a abandonou. Mas, como ele argumenta na cartilha *Por que creio em
Deus*, embora seja perfeitamente verdade que ele foi alimentado por esse tipo

particular de teísmo desde a juventude, na idade adulta ele lhe foi confirmado e reafirmado. Nesse mesmo livreto, um instrumento para evangelização digno de seu autor, Van Til sucintamente estabelece toda a sua filosofia em termos simples, mas profundos: “Hoje, de fato, estou convencido de que toda a história e a civilização seriam ininteligíveis para mim, não fosse pela minha crença em Deus. Isso é tão verdade, que me proponho a argumentar que se Deus não estiver na base de tudo, não se pode encontrar sentido em nada”.³

Dito desta forma, parece não haver nada de particularmente original em seu ponto de vista. Um olhar mais atento revela, no entanto, que uma coisa é a pretensão de começar com Deus, outra coisa é colocar essa pretensão de a serviço de forma completa e consistente. A originalidade de Van Til consiste nisto: que ele procurou desenvolver uma apologética centrada em Deus, sem transigir, mas sem cortar a comunicação com os incrédulos ou recuar para um tribalismo cristão. Na verdade, ele era tão abertamente teísta que foi muitas vezes acusado de *fideísmo*. Este termo refere-se a uma visão que resulta de um salto de fé, sem necessidade de se justificar com razões ou provas. Seus críticos acreditavam que ele não poderia discutir racionalmente em favor da fé cristã, mas foi forçado a uma competição vociferante com os infieis.⁴ Essa compreensão de Van Til pode ter uma plausibilidade superficial, mas sob investigação revela-se claramente falsa. Na verdade, o objetivo de Van Til como pressuposicionalista era mostrar que a cosmovisão cristã é a única racional e objetivamente válida. Sem ela, nada faz sentido. Na verdade, ele sustentava que há todo tipo de provas convincentes para a validade da posição cristã. Além disso, como tudo no mundo fala de Deus como Criador, o apologeta cristão pode iniciar uma discussão virtualmente de qualquer ponto da experiência humana e demonstrar como ela expressa a verdade.

O que ele não afirmava é que os argumentos apologeticos, por si só pudessem conduzir alguém do ceticismo à fé. Não só nosso raciocínio é muitas vezes falho, porque é egoísta e pecaminoso (os “efeitos noéticos” do pecado), mas se Deus é transcendente, nenhum argumento poderia esperar comprovar isso, se, em princípio, não partisse de sua autoridade e poder irresistível. Por essa razão, Van Til tinha fortes reservas quanto às provas clássicas (os *argumentos teístas*) para a existência de Deus.⁵ Baseado na teologia natural, elas

3 Cornelius Van Til, *Why I Believe in God* (Filadélfia: Committee on Christian Education of the Orthodox Presbyterian Church, s. d.), 3.

4 Ver, por exemplo, R. C. Sproul, John Gerstner e Arthur Lindsley. *Classical Apologetics* (Grand Rapids: Zondervan, 1984), 184-86.

5 Van Til não descartou totalmente as provas clássicas. Ele estava aberto para trabalhar com elas, de forma limitada, desde que fossem colocadas dentro de uma estrutura epistemológica.

pretendem demonstrar a necessidade da existência de Deus sem o concurso da razão humana ou a partir da mera observação do mundo, sem a necessidade de revelação. Para Van Til, no entanto, não poderia nunca haver argumentos isolados e evidentes por si mesmos ou fatos irracionais, porque tudo faz parte de uma estrutura [maior]. É por essa razão que ele denomina sua abordagem de “método indireto”. Uma pessoa não pode ir diretamente aos fatos, como se fossem autoevidentes. Primeiro, é preciso reconhecer seu fundamento e seguir a partir dele. A apologética pressuposicional exige que se reconheça que todas as ideias e argumentos partem de um arranjo básico, uma estrutura na qual eles fazem sentido. Essa estrutura, quando não está em conformidade com a verdade bíblica, está sujeita a contestação. Para usar um dos seus desenhos exemplos preferidos, os incrédulos veem seu mundo através de óculos cor-de-rosa. Todos “veem” através de uma lente. Não pode haver neutralidade, pois tudo em nossa consciência resulta de algum tipo de pressuposição. Os apologistas cristãos deveriam pedir aos seus amigos incrédulos para tirar esses óculos e ver as coisas como elas são no mundo de Deus. Van Til crê firmemente em fatos, provas, evidências, mas não isolados de um universo de discurso em que fazem sentido. Ele vai mais longe ao dizer, no livro que ora apresentamos: “É, portanto, uma espécie de contradição falar de apresentar alguns fatos para os homens, a menos os apresentemos como partes deste sistema [cristão]. A própria realidade de qualquer fato individual da história é precisamente o que é porque Deus é o que ele é”.⁶ Trata-se de um raciocínio circular? De certa forma, sim. Mas não se trata de um círculo vicioso que diz: “É verdade porque é verdade”. Pelo contrário, é um conjunto de realidades complementares: “O ponto de partida, o método e a conclusão estão sempre implicados um no outro”.⁷ Poderia ser diferente, se Deus é Deus?

Diante dessa antítese, é possível, afinal, construir uma ponte para chegar ao incrédulo? Para usar uma linguagem mais teológica, que ponto de contato poderia haver? Como podemos concordar em algum ponto, ou ainda manter uma conversa inteligível com o descrente, uma vez que nossas estruturas são diametralmente opostas? Nesse ponto, Van Til faz uma de suas contribuições mais importantes, que explica porque ele se opunha tão veementemente a Karl Barth, bem como ao catolicismo romano clássico. Graças à nossa constituição como imagem e semelhança de Deus, bem como à revelação natural que nos rodeia, temos uma consciência de Deus. Não chegamos a ela passando por uma longa viagem ou uma seqüência lógica. Conhecemos a Deus por causa de quem somos como seres humanos. Mesmo em um mundo caído, em que

6 *Christian Apologetics* (Nutley, N.J.: Presbyterian and Reformed, 1976), 97.

7 *IBID.*, 62.

processamos o conhecimento de Deus para nossos próprios fins, não podemos deixar de conhecê-lo pelo que ele é. “[...] o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou”, Paulo nos diz em Romanos 1.19. E ele continua, dizendo que seus atributos divinos “claramente se reconhecem [...] Tais homens são, por isso, indesculpáveis” (1.20). O problema é que apesar de conhecermos a Deus, nós não o honramos.

A esse conhecimento de Deus em virtude da estrutura da criação têm sido dados vários nomes ao longo da história da teologia. João Calvino o chamou de “semente da religião” que Deus semeou em todos os homens.⁸ Ou, igualmente, ele observa que temos dentro de nós uma “oficina agraciada com incontáveis obras de Deus e, ao mesmo tempo, um armazém repleto de riquezas inestimáveis”.⁹ Para Van Til, isso significa que temos um ponto imediato de contato com os incrédulos. “No fundo de sua mente todo homem sabe que é uma criatura de Deus e é responsável perante Deus.”¹⁰ E isso significa que podemos apelar para um verdadeiro conhecimento de Deus, no interior de cada um, sem ceder a um terreno neutro comum.

E quanto a um método efetivo de apologética? Como Van Til sugere que realizemos um diálogo real com o descrente? Embora ele não tenha desenvolvido um grande número de aplicações práticas, ele de fato apresenta um método, ou melhor, uma abordagem. Pois, no fundo, não se trata de uma demonstração da fé cristã em dez passos, tampouco uma série de evidências lançadas sobre o descrente até este ser obrigado a uma conversão. O cerne da abordagem apologética de Van Til possui duas características. Não se trata de etapas seqüenciais, mas de ações complementares. Primeiro, o apologista deve dominar o terreno do incrédulo para argumentar e mostrar-lhe que suas reivindicações não podem ser bem-sucedidas. Isso não significa ceder terreno, mas, sim, uma paciente exploração, como se uma forma particular de incredulidade fosse real, a fim de demonstrar como é, na verdade, impossível. Com confiança, o apologista vai saber que não há base suficiente para dar significado e valor (ou “predicação”, como Van Til gostava de dizer), ao ponto de vista de seu amigo. Gentilmente, mas com firmeza, ele vai “tirar a máscara de ferro”, ou “retirar o telhado” da casa da incredulidade, para demonstrar que, sem o Senhor, estamos no escuro. Por exemplo, alguém poderia alegar ser um irracionalista, sem necessidade de autoridade. Mas, então, o apologista teria de salientar que o irracionalismo não se sustenta sem alguma base racional.

8 João Calvino, *Institutas da Religião Cristã*, trad. Waldyr Carvalho Luz (São Paulo: Cultura Cristã, 2006), 1.4.1.

9 *Ibid.*, 1.5.1.

10 *Christian Apologetics*, 57.

Em segundo lugar, o apologista deve convidar o incrédulo a penetrar o terreno cristão, para argumentar, e mostrar-lhe como o significado e o valor são estabelecidos pela cosmovisão bíblica. Isso é o equivalente a dizer, com o salmista: “Provai, e vede como o Senhor é bom”. De muitas maneiras, isso equivale a pregar o evangelho. Aqui, deve-se ressaltar que Van Til não apenas não se vergonhava de usar as evidências, como seu sistema exigia isso. Mas as evidências não estão isoladas do contexto a que pertencem. Além disso, não existem listas específicas de evidências mais convincentes do que outras, como, por exemplo, o túmulo vazio ou os manuscritos do Novo Testamento. De acordo com a abordagem de Van Til, tudo se torna evidência para a cosmovisão cristã, uma vez que tudo na criação proclama a obra de Deus. Mesmo nosso autoconhecimento está enraizado no conhecimento de Deus.

Essa dupla abordagem é simples e distante dos diferentes métodos contemporâneos. Assemelha-se mais a sabedoria do que a demonstração. A abordagem é chamada “pressuposicional” porque procura ir além da superfície e desnudar as pré-condições do ponto de vista do outro. Isso decididamente não é uma negação do uso de evidências. Tudo proclama a verdade de Deus. Só não existem fatos irracionais, ou dados lançados no vazio. Pressuposição e evidências constituem juntas um argumento poderoso de evangelização para a verdade da revelação de Deus.

Uma questão interessante poderia ser levantada aqui. A atenção dada por Van Til aos compromissos fundamentais faz dele um simpatizante do pós-modernismo, como afirmam alguns? Novamente, pode haver uma plausibilidade superficial nessa comparação. Sua atenção às estruturas interpretativas e os óculos cor-de-rosa parecem justificar a comparação. O pós-modernismo é notoriamente difícil de definir. Para simplificar, poderíamos dizer que o pós-moderno é um requisito, não apenas um conjunto de ideias. Como tal, ele se coloca contra a maneira moderna de fazer as coisas. Grosseiramente falando, a modernidade, que teve seu reconhecimento na época do Iluminismo do século 18, é um modo de pensar e fazer que favorece o novo em detrimento do velho. Coisas novas (o advérbio modo significa “agora”, portanto, modernidade) incluem um compromisso com a suficiência da razão humana, em oposição à revelação divina, a crença no progresso da história humana ao longo dos séculos, e da importância singular do self e da autoconsciência. Há também uma dimensão social na modernidade, que inclui o direito de auto-governo, o surgimento do estado administrativo, uma economia de mercado, o desenvolvimento da ciência moderna e da tecnologia, e o aumento da velocidade dos transportes e das comunicações.

Em contrapartida, o pós-moderno rejeita esse mundo racional e é suspeito de metanarrativas. Ou seja, toda a história do mundo que pretende ser abrangente, como a filosofia de Kant, o marxismo, a psicologia freudiana,

o teísmo cristão, etc., é por definição inverossímil. Segundo os defensores do pós-moderno, essas visões de mundo levarão inevitavelmente à opressão e à discriminação, porque elas não admitem a diversidade. É mais honesto contentar-se com ser subjetivo, ter fé, pois todo mundo a tem, contanto que não se perturbe a fé de ninguém. Em algumas das formas mais extremas do pós-modernismo, como a desconstrução, a linguagem não tem nenhuma ligação válida com a realidade.

O que se pode colocar no lugar do moderno? As respostas dos pós-modernos a essa questão variam. Alguns diriam que substituímos o moderno por uma aceitação lúdica de estilos e formas, sem nunca exigir que sejam verdadeiros. Tudo o que se pode esperar é ironia, paródia e terapia. Não há significado fixo e nenhuma correspondência entre a linguagem e o mundo exterior. Outros diriam que cada pessoa tem o direito de ser diferente. Nenhuma filosofia, nenhuma moralidade é a correta. No entanto, devemos aprender a respeitar a visão do outro, sem julgá-los certos ou errados. Na pior das hipóteses, o ponto de vista de alguém pode ser “insensível” ou mesmo “ofensivo”, mas não errado. Thomas Kuhn via a história da ciência como uma série de mudanças de paradigma, e não um avanço em direção a uma compreensão verdadeiramente objetiva do mundo. Ele estava interessado na forma como um modelo mais antigo, por exemplo, a astronomia ptolomaica, centrada na terra, finalmente deu lugar a um modelo mais novo, a astronomia copernicana, centrada no sol. Isso não se deu fundamentalmente por meio da observação, mas por uma preferência pela simplicidade e por um paradigma que fizesse jus à elegância de círculos concêntricos.

Sem questionar se esses dois grandes esquemas, o moderno e o pós-moderno, têm algum mérito como interpretações da história das ideias, devemos notar que a mudança para o pós-moderno possui aspectos salutares. Os fatos ocorrem dentro de uma estrutura. Compromissos de fé religiosa e filosófica não pode ser evitados. As mudanças de paradigma têm algo em comum com a conversão. Assim, a visão do Iluminismo de que a verdade poderia ser determinada pela razão pura nunca foi uma verdadeira amiga da fé cristã. Devemos suspeitar de algum metanarrativas. Devemos de bom grado reconhecer, com os pós-modernistas, que a diferença faz diferença! Isso não está de acordo com visão de Van Til?

Na verdade, não! Além da compatibilidade superficial do pós-modernismo com o pressuposicionalismo, seu ethos introduz falhas fundamentais na discussão. Em primeiro lugar, e como um aparte, a condição pós-moderna é muito menos prevalente do que alegam seus seguidores. O capital do Iluminismo está longe de ter sido gasto, já que ainda vivemos em um mundo caracterizado por mercados, ciência, tecnologia, democracias, etc. Em segundo lugar, o problema mais profundo é que qualquer ponto de vista que afirme

que a linguagem não está ligada ao mundo e que se contenta com o lúdico e o terapêutico está condenado à completa irrelevância ou, possivelmente, coisa pior. Van Til não defende a fé subjetiva, nem o direito de ser diferente, mas a verdade objetiva, demonstrável! Há uma metanarrativa, afinal, a verdadeira história da revelação cristã. A conversão é muito mais do que uma mudança de paradigmas. É o filho pródigo voltando a si e lembrando a verdade sobre a casa de seu pai. Essa verdade, é claro, não é uma história iluminista, estreita e fundamentalista, mas o relato grandioso do pensamento e da vida sob o domínio da soberana, benevolente e ontológica Trindade, o Deus que fez o mundo e o mantém unido pela sua própria autoridade. Isto significa que a visão de Van Til não é nem moderna nem pós-moderna, afinal, mas algo bastante diferente de ambos. É simplesmente bíblica.

A Apologética Cristã é um dos muitos escritos que Van Til desenvolveu para seus cursos ao longo de um período de vários anos. Ele serviu como texto básico para seu curso de introdução à apologética. Em 1955, escreveria *A Defesa da Fé*, em que expandiu o material a partir das referências da *Apologética* e incorporou inúmeros filósofos e teólogos, a muitos dos quais ele se contrapõe. Em 1963 ele publicaria uma versão resumida de *A Defesa da Fé*, removendo muitas seções em que respondia aos seus críticos. *A Apologética Cristã* foi oficialmente publicada pela Presbyterian and Reformed em 1976 e passou a integrar a “Coleção Cornelius Van Til” em meados da década de 1980. Na minha opinião é a mais completa e sucinta introdução à sua apologética em todos os seus escritos. Seus cinco capítulos discutem (1) a cosmovisão básica do cristianismo bíblico, a princípio em termos teológicos, e em seguida (2) em relação à filosofia e à ciência. Eles avançam para (3) a ponte com os sistemas de incrédulos, a seguir para (4) o método (abordagem) pressuposicional e, finalmente, para (5) questões sobre a autoridade e a razão.

Os leitores que esperam uma prosa elegante podem se decepcionar. Este livro continua a ser um texto didático e não se destina a demonstrar méritos literários. Pode soar mais como um ensaio geral do que como um concerto. No entanto, é cheio de ideias brilhantes e contém material verdadeiramente revolucionário. E o estilo é cativante! Nas suas melhores passagens, a narrativa é como uma paisagem marinha observada pelo mergulhador, cheia de recifes, peixes e plâncton reluzentes.

Várias surpresas aguardam o leitor. O uso apurado da teologia como filosofia não é a menor delas. A maior parte do primeiro capítulo, por exemplo, é um ensaio sobre as doutrinas reformadas básicas, uma leitura mais aos moldes de uma introdução à dogmática do que uma base para a epistemologia. Mas essa é a intenção! A abordagem de Van Til do conhecimento não começa com noções filosóficas abstratas, mas com a teologia sistemática, destinada a ser um sumário das doutrinas bíblicas sobre Deus, a humanidade, a criação,

a queda e a redenção em Cristo. Ele muitas vezes se confessa um grande devedor de Geerhardus Vos, o professor de teologia bíblica de Princeton. Isso se torna evidente na maneira como ele trata a epistemologia em relação à criação, à queda, e à redenção dos seres humanos. Ele intencionalmente faz da teologia a base para a sua apologética. O leitor de olhar mais atento vai detectar uma centelha de originalidade, mesmo na forma como Van Til coloca certas doutrinas. Por exemplo, “a diversidade e a unidade no pensamento de Deus são, por conseguinte, igualmente fundamentais.”¹¹ Quando Adão, no Éden, decidiu desobedecer à ordem de Deus, “ele teve de assumir que [apenas os seus poderes de lógica] poderiam de alguma forma controlar o que deve ser o futuro”.¹² O ponto de contato, como vimos, é encontrado no homem natural: “Todo homem, no fundo, sabe que rompeu a aliança. Mas todo homem age e fala como se isso não fosse verdade”.¹³ Poderia muito bem ser que, além de ser um apologista original, Van Til seja conhecido também como um dos mais importantes teólogos do século 20!

Outra surpresa, menos agradável, pode aguardar o leitor contemporâneo. Em uma época como a nossa, que é extremamente sensível aos profundos sentimentos alheios, o tom deste livro pode parecer excessivamente cáustico. Os leitores podem hesitar diante das constantes referências de Van Til aos católicos romanos e aos arminianos como estando incorretos, e ao calvinismo como detentor de todas as respostas. Barth, Brunner e Niebuhr são despachados muito sumariamente.¹⁴ Com certeza, este é um assunto polêmico! É, sem dúvida, há maneiras mais sutis de dizer as coisas. Mas o propósito deste tipo de texto é simplesmente seguir em frente com as ideias e não fazer reféns. Kant, Platão, Hodge, e muitos outros, não são trazidos ao palco pelo rico tecido de suas ideias, mas para a discussão de pontos específicos que muitas vezes estão em desacordo com a fé cristã. Para atingir seus objetivos, Van Til faz uso de tipos ideais, com rótulos como “protestantismo não-calvinista” ou “irracionalismo moderno,” quer aqueles incluídos nesse rótulo se sintam ou não confortáveis com ele. Existe uma tradição em toda a história da teologia de dizer as coisas de modo vigoroso, combativo. Lutero e Calvino, por vezes, entraram em tais diatribes que fazem Van Til soar suave, em comparação. Se o texto soar muito combativo, para alguns, gostaria

11 *Ibid.*, 8.

12 *Ibid.*, 11.

13 *Ibid.*, 57.

14 Van Til estava plenamente informado sobre os prós e contras desses teólogos. Seu grande volume *Cristianism and Barthianism*, 2ª ed. (Nutley, N. J. Presbyterian and Reformed, 1974), apresenta um amplo conhecimento de toda a teologia de Barth, embora ela não tenha escapado ao mesmo tipo de crítica que se discute aqui.

de convidá-los a engolir em seco e ultrapassar a forma mal-humorada para ater-se ao conteúdo fértil.

Além disso, a natureza mais profunda do conteúdo é cheia de graça. A princípio, pode parecer que Van Til usa nomes e escolas só para apontar suas falhas, nunca para mostrar seus pontos fortes. Mas isso não é verdade. De fato, muitas vezes ele comenta que devemos muito às pessoas com as quais não concordamos. Às vezes, sua linguagem pode parecer paternalista, mas na verdade não é.¹⁵ Por exemplo, em relação aos evangélicos arminianos, mais tolerantes, diz ele, “Em outras palavras, nossa intenção não é desvalorizar o trabalho que tem sido feito por crentes estudiosos no campo arminiano. Ao contrário, nosso objetivo é fazer melhor uso do que eles têm feito de seus materiais, aplicando-lhes uma epistemologia e metafísica que tornam esses materiais verdadeiramente fecundos na discussão com os descrentes”. E de outro lado, ele também repreende os reformados, por serem “muitas vezes piores do que a nossa oposição”.¹⁶

Em segundo lugar, e mais importante, a apologética de Van Til não está ligada à teologia apenas pelas razões expostas acima. Mas é profundamente voltada para o evangelho. Aos críticos de Van Til muitas vezes falta o elemento básico de sua abordagem, por razões que não são facilmente identificadas. Simplesmente, o evangelho é o poder salvífico de Deus. Ainda que uma pessoa possa chegar a Deus por meio da razão, é apenas a graça de Deus que pode transformar um pecador, razão e tudo o mais, em um cristão.¹⁷ Muitas das brilhantes ideias pelas quais Van Til é justamente reconhecido, perdem seu efeito se forem isoladas da grande ênfase dada à redenção, que permeia sua obra. Sua ênfase na antítese entre crença e descrença, o lugar da graça comum, sua oposição à “metodologia casamata” (construindo um caso, um passo de cada vez, do reino da “razão” para o reino da “fé”) – nenhum destes elementos se sustenta sozinho. Todos eles pertencem à história do evangelho. A apologética para Van Til é simplesmente uma forma solícita de evangelização.

Cornelius Van Til não é a última palavra em apologética, tampouco teria ele tido essa pretensão. Hoje, devemos isso a esse pai na fé, a possibilidade de desenvolver e aplicar sua apologética. Ele foi um pioneiro, pintando com cores ousadas. Nossa tarefa é não só detalhar, mas também para aplicar sua

15 O leitor do século 21 também vai descobrir que Van Til usa frequentemente “homem” e os pronomes masculinos, inclusive, como todos escreviam em sua época. Não alteramos essa característica de seu estilo, mas deixamos para que o leitor faça seus próprios ajustes.

16 *Christian Apologetics*, 96.

17 *Ibid.*, 99.

abordagem a muitas áreas além daquelas que foram objeto de sua atenção. Mesmo na filosofia, em que ele teve forte formação, sua terminologia era bastante limitada aos gregos ou aos idealistas. Muito mais precisa ser feita na trama e urdidura da filosofia, tanto antiga quanto moderna, por seus sucessores. Como essa abordagem se comporta em uma discussão com o pós-estruturalismo, com a nova epistemologia reformada, com as filosofias hermenêuticas? Além disso, há muito trabalho a ser feito em áreas como a análise cultural, a história da ciência, as religiões do mundo, a psicologia e tantas outras. E, embora Van Til tenha esboçado os termos de uma metodologia, muito mais precisa ser feito com argumentos reais, quanto a sua forma e conteúdo. Como se conduz uma discussão com um adepto da desconstrução, com um membro da comunidade, com um seguidor da religiosidade da Nova Era? E teremos de aplicar os princípios da apologética pressuposicional a grupos sociais fora do âmbito acadêmico. Como eles funcionam em relação a crianças de rua, aos homens de negócios, aos atletas?

O texto desta edição da *Apologética Cristã* é praticamente idêntico ao original. Aqui e ali, uma palavra foi modificada para atualizar seu significado ou para melhor corresponder à intenção original. Além disso, foram adicionados alguns parênteses, com o tipo de letra que você está lendo agora, que contêm itens como a tradução de uma língua estrangeira ou explicações sucintas dos termos. O principal acréscimo desta edição é a utilização de notas de rodapé, também em tipo diferente do utilizado para o texto de Van Til, com o intuito de fornecer explicações mais detalhadas. Alguns deles pretendem ampliar as ideias, nas esperança de esclarecer questões apenas brevemente mencionadas no texto. Outros remetem o leitor às fontes ou a citações complementares de outros escritos de Van Til. Outros, ainda, fazem comentários sobre a abordagem de Van Til e como ele foi compreendido. Todas essas intervenções pretenderam tornar o texto original mais acessível aos leitores de hoje.

Nesta *Apologética Cristã* temos a obra de um grande visionário. Nele, o autor apresentou um ousado estudo sobre a graça e a verdade de Deus em sua geração. Que possamos fazer o mesmo na nossa.